

AMARELA

ANNO VI
Nº 176

DIRECTOR:
CONSELHEIRO XX.

RIO DE JANEIRO, 20 DE JUNHO DE 1925

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
14. BRUNO



Gingo
920

Gom habilidade rara
Esta faz isto a sorrir :

Passa por sobre uma vara
Sem se ferir ...

EXPEDIENTE

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sá, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atraso de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	— Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—
Domingos Orfanó	— Alfenas	—
Francisco Gonthier	— Dôres do Indayá	—
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—
José Fauslo Dias	— Ponte Nova	—
Raymundo Dias	—	—
Modesto Vieira	— Jequinhonha	—
Antonio Gentile	— Soledade	—
	— Caxambú	—
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—
Sizenando Itabaiana	— Januaria	—
Armando Santos	— Viçosa	—
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—
Brito & Santos	— Patrocínio	—
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—
Mario Salgueiro Vianna	— S. L. Carangola	—
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—
Othon Dias	— Machado	—
Abraham Bichana	— Leopoldina	—
Carlos Alves	— Januaria	—
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—
S. Rezende	—	—
M. Franco	— Itauna	—
A. Salles	— Caratinga	—

Assignatura e venda avulsa

Estados:	Capital:
Anno..... 25\$000	Numero avulso..... \$500
Anno (sob registro)..... 50\$000	Atrasado..... \$600
Numero avulso..... \$600	Idem, sob registro mais.. \$600

Para o Exterior

Porte simples:	Registrado:
Anno..... 50\$000	Anno..... 60\$000
Semestre..... 30\$000	Semestre..... 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel asselinado
1 pagina..... 250\$000	1 pagina..... 200\$000
1/2 "..... 130\$000	1/2 "..... 110\$000
1/4 "..... 70\$000	1/4 "..... 60\$000
Capa anterior - (cores).. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000 a linha, por vez, escala corpo 7
Contra capa, 1a. e 2.a 350\$000	

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

SCENA DOMESTICA

— Tu és um incomprehensivel! — gritava ella.

— E tu uma sonsa! — berrava o esposo. A senhora, agindo em defesa, desmanchava-se em phrases, multiplicava-se em vocabulos, desfazia-se em argumentos, como se fosse, porventura, uma poderosa metralhadora a disparar seis mil palavras por minuto. No primeiro intervallo desse bombardeio, recomeçou a fuzilaria:

— Tu és um bruto! um barbaro! um estúpido!

— E tu, um furacão! uma ventoinha! Um moinho de insolencias, de palavras, de asneiras! Nesse ponto, a senhora, de accordo com a praxe, lançou mão do recurso tradicional:

— E dizer-se que era este homem, isto!, que, ainda hontem me dizia, como um escravo, que eu devia ser uma «estrella»!...

O esposo, assim aggredido, pensou na «revanche», e trovejou:

— Sim, disse: mas sabia porque dizia.

A senhora avançou para elle, com os olhos fuzilantes de colera:

— Por que foi, então?

E elle, num accessó de desespero:

— Por que? Queres saber por que?

E, impiedoso, pondo o chapéo, já da porta:

— Porque, se tu fosses estrella, estarias, no minimo, a quarenta e sete mil milhões de kilometros longe de mim! Compreendeu?

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, é horrivel... porque abusam da saude por todas as formas...

— Quasi todas as senhoras, moças ou meninas, soffrem das urinas e mais vulgarmente desse corrimento que se chama leucorrhéa.

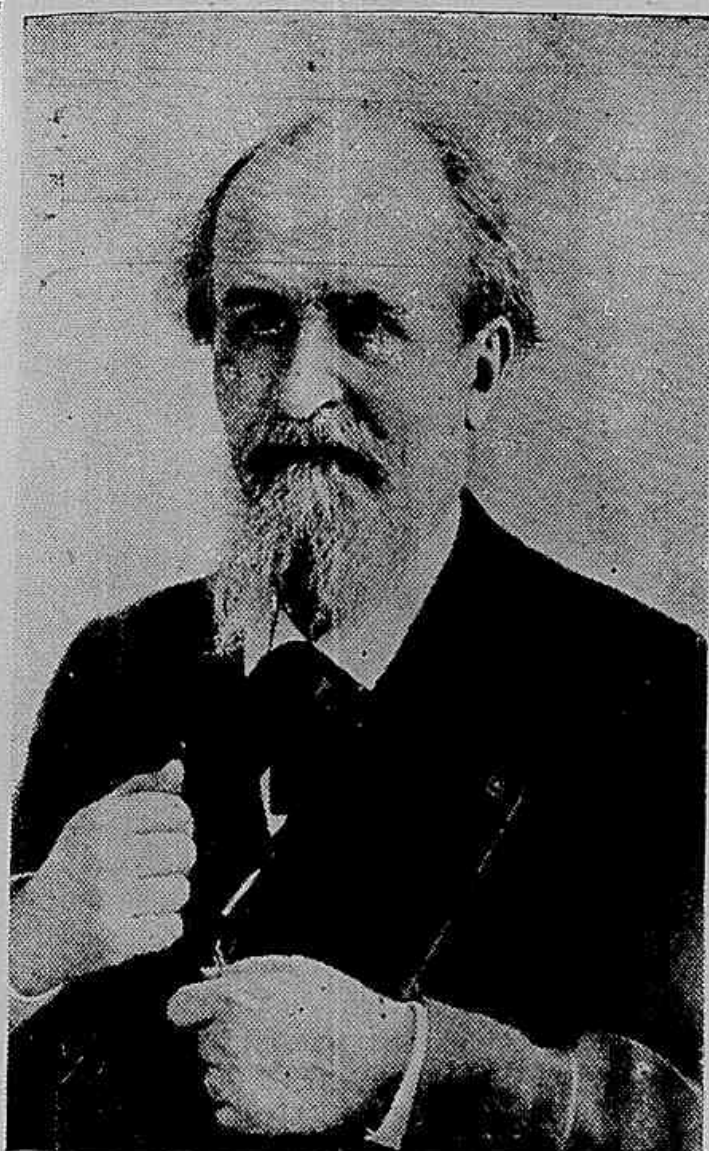
Todas... excepto as que usam BLENOL, porque não exige cuidados especiaes e faz voltar as boas côres e a boa disposição.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA Impureza do Sangue

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas Rheumatismo, Feridas, Ulceras, Dartros, Eczemas, Fistulas, Empigens.

SÃO DEBELLADAS PELO **TAYUYA'** DE SÃO JOÃO DA BARRA



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

0 escriptor mais lido e popular do Brasil

== 0 autor mais alegre! ==

== 0 humorista mais subtil! ==

A apparecer até o fim do mez:

Pombos de Mahomet

Volumes já publicados:

VALLE DE JOSAPHAT	18. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRÔNZE.	12. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6. " " 5\$, " 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais
fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste
— — — e a sorrir a mulher mais melancolica. — — —

~~~~~ PEDIDOS À ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
**RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19**  
~~~~~ RIO DE JANEIRO ~~~~~



10 Milhões

DE

SYPHILITICOS EXISTEM NO BRASIL

DIA A DIA AUGMENTA O NUMERO

E' UM DEVER IMPERIOSO USAR O

Elixir "914"

A syphilis é a doença mais disseminada pela humanidade. De tres individuos, dois soffrem de manifestações syphiliticas mais ou menos graves. A syphilis é doença que se adquire facilmente, bebendo em copos ou chcaras em que individuos syphiliticos beberam, comendo com garfos, facas e colheres que serviram a pessoas portadoras de lesões syphiliticas da bocca. NAO E' PORTANTO, A SYPHILIS UMA DOENÇA QUE SE OCCULTE OU DE QUE ALGUEM SE ENVERGONHE. A syphilis ataca individuos de todas as idades, creanças, moços e velhos — não respeita orgão algum da economia. Assim, além das manifestações para a pelle e para o lado da bocca, ha a syphilis cerebral, extremamente grave, se annunciando quasi sempre por dôres de cabeça, mais frequentes á tarde; ha a syphilis nos olhos, que leva á cegueira; ha a syphilis dos ouvidos, trazendo a surdez; ha a syphilis do coração, do figado, dos rins, do estomago, dos intestinos, de outros orgãos; enfim, ha a syphilis dos ossos, frequentissima sob a forma de rheumatismo chronico; ha a syphilis dos glanglios, se confundindo com tumores cancerosos. Ha ainda os casos de syphilis ignorada, se manifestando repentinamente sob fórma grave, quando o individuo se julga são. Frequente e grave, a syphilis, é, entretanto, facil de combater. O essencial é o individuo procurar um medicamento de confiança, capaz de obter melhoras no menor prazo possivel; e entre todos os medicamentos e preparados contra a syphilis e impurezas do sangue, se destaca o notavel preparado ELIXIR «914». O ELIXIR «914» possui a virtude de ser um medicamento perfeitamente supportavel, de gosto agradavel e de effeito rapido e seguro. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bôba. E' o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o primeiro vidro. E' o unico Depurativo que tem attestado de especialistas dos Olhos, da Dyspepsia Syphilitica e do Hospital das Creanças da Cruz Vermelha Brasileira.

O ELIXIR «914» é depurativo energico e tonico de alto valor. Não ataca o estomago, não contém iodureto e é agradável como um licor.

Licenciado pelo D. N. S. P., sob o n. 26, de 21 de Fevereiro de 1916

NOTA — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos á GALVÃO & Cia. — CAIXA POSTAL, 2-C — S. PAULO.



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os globulos sanguineos, estimula a actividade celular e contribue para restabelecer a saude nos organismos depauperados. App. pelo D. N. de Saude Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175



O filho do hoteleiro chega, correndo :
 — Papae, a Maria está lá no quintal, no
 quartinho das malas, abraçada com o
 hospede do n.º 15!
 — Corre, vai dizer á tua mãe. Dize a
 ella que bote na conta d'elle!



Na Escola de Agricultura de Nictheroy :

Professor : Snr. Barreto, qual é a melhor
 ocasião de apanhar as laranjas?

Alumno : — E' quando o dono da chacara
 não está em casa, e o cachorro fica
 amarrado.



BLENORRHAGIA, CYSTITE, CATHARRO DA BEXIGA

Tratamento rapido e completo com a

Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
 las citrinas e

Licor de Alcatrão Composto de

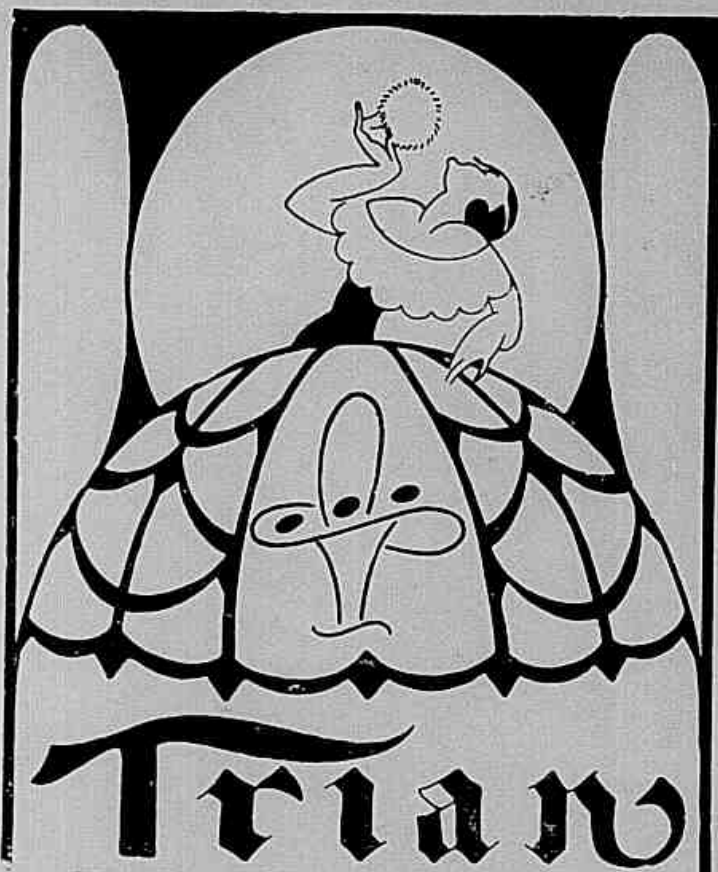
MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49




TRIAN

AGUA DE COLONIA cara,
mas superior a todas as
outras.

PÓ DE ARROZ barato mas
bom

Toda palha enche palheiro
Todo fiado faz panno:
Quem casa com mulher magra
Tem bacalhau todo o anno.

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), **Leucorrhéa** (flores brancas), **Meirles**: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)
Telephone Norte 5184

Das 4 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 :: Tel. 6181 Central

UM PODEROSO GERMI- CIDA E ESTIMULANTE

A Preparação do Dr. Crossman para a Gonorrhéa aguda ou chronica contem os mais fortes antivenereos conhecidos, que exercem acção directa sobre os tecidos delicados e mucosas, estimulando todos, não só para combaterem e expulsarem os germens nocivos, como também para repararem os estragos por elles produzidos.

A Preparação do Dr. Crossman também tem outros componentes que impedem incommodos estomacaeos ou renaes.

Setenta annos de exito demonstram á saciedade o seu merito e efficacia.

Podemos assegurar que a Preparação do Dr. Crossman realiza e cumpre o que outros methodos de tratamento não fazem mais que prometter. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

A venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

Cabellos á Ingloza e la Garçonne
Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

A' estatua de Pedro I

Esse que vês esculpido
No bronze monumental,
Foi cá no Brasil Cupido,
Marte foi em Portugal.

JOÃO SALOMÉ DE QUEIROGA.



Numeros atrasados da A MAÇA

encontram-se a venda na Livraria BRAZ LAURIA

R. Gonçalves Dias, 78

OLHOS

Inflammações e purgações

USE O

COLLYRIO MOURA BRAZIL

Filmando. Chronica

Publicamos em uma de nossas passadas «Chronicas», alguns topicos de uma carta do sr. Emmanuel John Darcsei, o proposito do film «Quando Ellas Querem», feito nos studios da Visual Film de S. Paulo, em que o missivista chama ao Sr. A. de A. Fagundes «homem de letras».

Poucos dias depois recebiamos do proprietario da Visual uma outra carta, em que nos pede a retificação daquelle equívoco do Sr. Darcsei. O Sr. A. Fagundes não é um «homem de letras», é, porém, mais do que isto: é um homem de coragem, que procura tornar uma realidade a cinematographia brasileira.

Faz muito bem o director-proprietario de uma empresa cinematographica, de uma industria em organização, em repellir a denominação de homem de letras: seria o descredito para a sua iniciativa.

Todos sabemos o que é um homem de letras: é um individuo com ou sem ellas, isto pouco importa, mas que se arroga um merito que não possui; que passa os dias nas livrarias mais importantes da cidade, e as tardes nas sorveterias, casas de chá etc., quando não prefere «ver o fêmeaço», nas calçadas da Avenida; que, se tem dinheiro, obtem que se representem as asni-dades todas, sahidas da sua cabeça sob a qualificação de peças theatraes; que faz conferencias; que pronuncia discursos; que, dizendo-se representante da intellectualidade do paiz, faz o que póde para desacreditar-o e desmoralizar-o; enfim, um individuo pernicioso, damnhinho, incapaz de um bello gesto, de um movimento util, de uma idéa realmente aproveitavel.

A essa entidade desprezível faz

muito bem o Sr. Fagundes, industrial e homem de negocios, activo e esforçado, em não querer ver-se equiparado. Não carecia, entretanto, da rectificação do equívoco, porque ninguém ignora que um homem capaz de affrontar os prognosticos pessimistas de uma população de fracos, deve ser um homem de realizações praticas, nunca um «homem de letras» da especie acima.

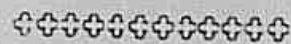
Ha, é verdade, entre nós, literatos dignos daquelle designação; ha poucos, mas ha, felizmente. A maioria, porém, benza-os Deus, ou leve-os o Diabo, podem limpar as mãos á parede

com as suas literatices. Arrivistas da arte, serão tudo o que quizerem: futuristas, modernistas, reformistas, penumbrietas, marinetistas, dadaistas, mas serão, antes de mais nada, imbecilistas, isto é que é verdade.

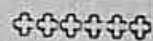
Ao Sr. A. de A. Fagundes, concluindo: aqui ficam, além da rectificação pedida, os nossos agradecimentos pelo assumpto que nos forneceu para uma

chronica.

M.



Douglas Fairbanks gosta de interpretar papéis de fidalgo hespanhol, naturalmente devido ao caracter aventureiro e cavalheiresco de certos typos hespanhoes de romance muito conhecidos. Ainda agora, para fazer o protagonista do film «Don Q.», Douglas dedicou-se ao estudo da arte de tourear, bem como ás dansas caracteristicas da Hespanha.



Cecil B. de Mille continua arrebanhando todos os elementos bons



que pode, para a sua empresa ha pouco creada. Rupert Julian, cuja direcção em «The Phantom of the Opera», da Universal, foi muito elogiada pela critica, acaba de firmar com elle um contracto por longo tempo.

Não ha nada eterno no mundo e muito menos no cinema... A Vitagraph, uma das primeiras empresas cinematographicas que se fundaram nos Estados Unidos, uma das poucas que sobrevivia, acaba de ser absorvida pela Warner Brothers, muito mais recente e, digamos tudo com justiça, mais cheia de seiva.

David Powell falleceu ultimamente em Nova York, no hospital em que estava internado.

A Fox continúa a melhorar, não só os artistas, como também os directores de scena. Entre os ultimos, recentemente contractados, figuram Frank Borzage, Reginal Barker e J. Griffith Wray.

Mary Astor será a «hespanholita» bonita pela qual Douglas fará, em «Don Q.» todas as proezas imaginaveis. Warner Oland, Charles Stevens, Lottie Pickford, Albert Mac Quarrie e outros muitos serão os satellites daquelles dois astros de respeito.

Mary Osborne não fará mais papeis infantis. De agora em diante «encurtará» as saias e figurará como moça, primeiramente em «Excuse-me», da Metro-Goldwyn, e depois em outras produções da mesma empresa.

Jack Hoxie e Josie Ledzwick vão fazer dezeseis films (oito, cada um) para a serie Western, da Universal.

«Classified» é o titulo da proxima produção de Corinne Griffith, com Jack Mulhall no papel masculino mais importante.

King Vidor está dirigindo, para a Metro-Goldwyn, um film, que denominou «The Big Parade», e no qual interpretam os principaes papeis John Gilbert e Renée Adorée.

Claire Windsor fez o papel feminino de maior responsabilidade no film «The Dixie Handicap», da Metro-Goldwyn.

Claire Windsor é a «leading-woman» de Conway Tearle no film «Just a Woman», da First National. Secundam-n'os Percy Marmont e Dorothy Revier.

A Fox firmou um contracto com a magnifica actriz Dorothy Phillips, a qual já está trabalhando no film «Every Man's Wife», ao lado de Helaine Hammerstein, Robert Cain, Herbert Rawlinson e outros. Como se vê, o elenco desse film é dos melhores, e a Fox procura a todo transe reabilitar-se no conceito do publico.

Buck Jones, que vae fazer o papel principal do film «Durand of the Bad Lands», da Fox, será secundado por Marion Nixon.

DR. PAPAFITA

Clinica Medica Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas



A Universal firmou um novo contracto com Art Acord. Art fica obrigado a montar a cavallo, brigar, puxar do revolver etc. etc., em oito films pelo menos. Que perspectiva, Deus do Céu!...



LOTERIA DO ESTADO DE MINAS GERAES

Extrahida com globos de crystal movidos por electricidade e bolas numeradas por inteiro

É a unica no mundo que distribue 80 % em premios

PAGAMENTO IMMEDIATO

Ordem das extracções em Junho de 1925

| Numero | PLANO | DATA DA EXTRACÇÃO | Premiomaior | Preço do bilhete | Preço da fracção | Bilhetes que jogam |
|--------|-------|-------------------|----------------|------------------|------------------|--------------------|
| 106 | E | 6 de Junho | 200.000\$000 | 80\$000 | 4\$000 | 13.000 |
| 107 | F | 12 » » | 100.000\$000 | 30\$000 | 1\$500 | 18.000 |
| 108 | F | 18 » » | 100.000\$000 | 30\$000 | 1\$500 | 18.000 |
| 109 | F | 23 » » | 100.000\$000 | 30\$000 | 1\$500 | 18.000 |
| 110 | Z | 30 » » | 1.000.000\$000 | 300\$000 | 15\$000 | 12.000 |

Obter bilhetes de Loterias no

Campeão do Sul ou no Campeão de Minas

é estar sempre na perspectiva de tirar a Sorte Grande e tornar-se independente.

Para evitar extravios no correio, enderece vossa correspondencia assim:

RAUL C. BEIRÃO & C. — Caixa Postal 2166 — Rio de Janeiro

Não aceitamos ordens de pagamentos para execução de pedidos, devido ás dificuldades no recebimento.

ODONTOL

PASTA PU' - ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLARÊAM E
CONSERVAM
OS DENTES
—
PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

Fco. GIFFONI

1º de Março 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO MEDICINAL

**PERFUMA, —
— ONDULA,
AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.**

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & CA
RUA 1º DE MARÇO 17 - RIO DE JANEIRO

Quem quer ser muito finorio
E casa com mulher rica,
Não fica como marido:
E' como escravo que fica.

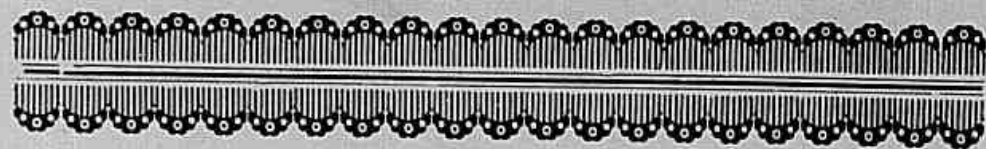
A MAÇA

Numeros atrazados, desde o primeiro, publicado em 11 de Fevereiro de 1922, encontram-se na

LIVRARIA BRAZ LAURIA —

R. Gonçalves Dias, 78

Casar com mulher papuda
Que desgraça não será:
Quando a gente for dormir
Que roncos ella dará!



Manteaux
Pelles
Capas

AS ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS

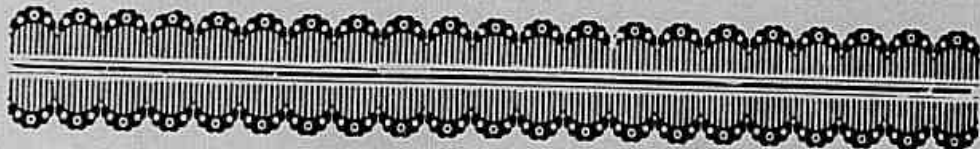
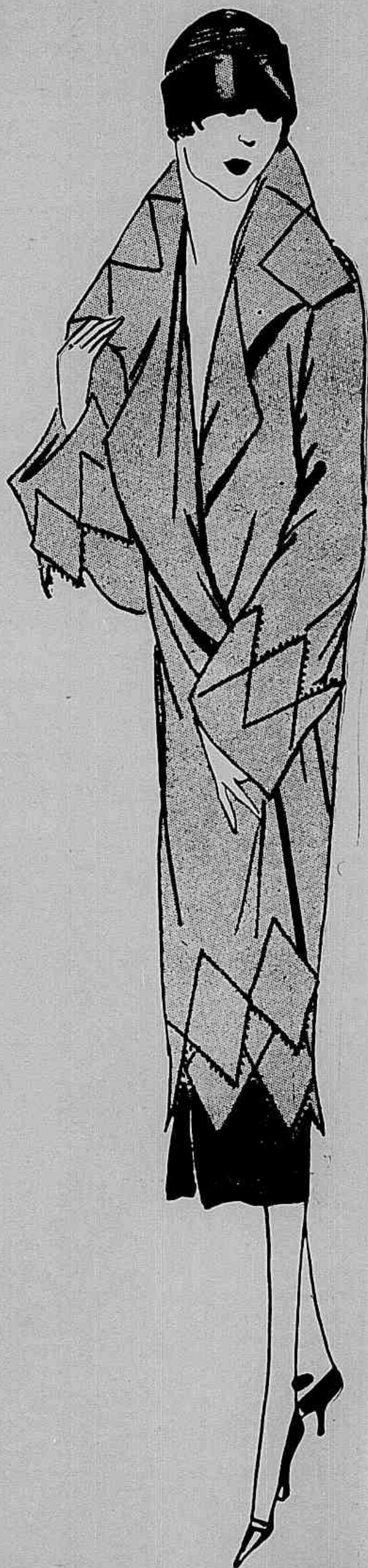
VISITEM AS EXPOSIÇÕES DE

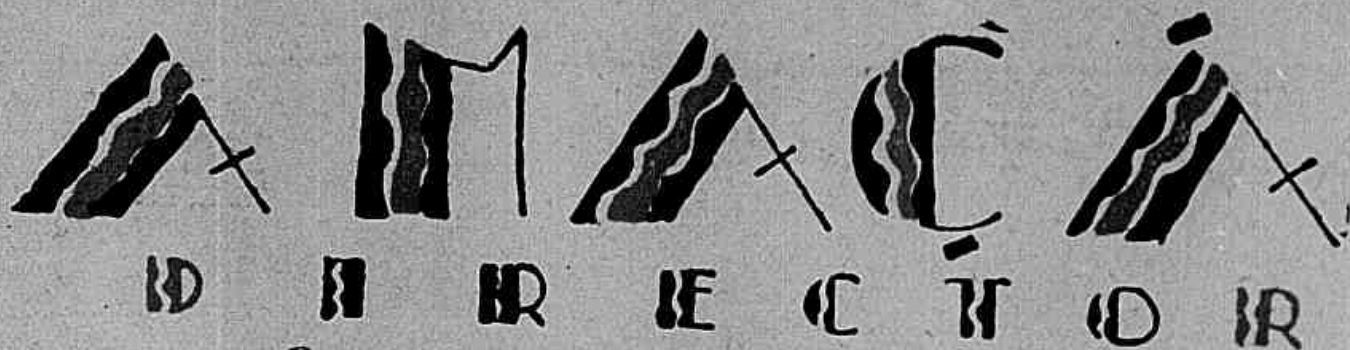
AGASALHOS MODERNOS

— DO —

Ao 1.º BARATEIRO

AV. RIO BRANCO, 100





CONSELHEIRO XX

N. 176 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1925

A INDEMNISAÇÃO

O grande circo Patroni, cujos annuncios o recommendavam ao publico da capital e, particularmente, ao do bairro, como um dos maiores da America do Sul, havia sido armado, todo de lona vermelha, nos antigos terrenos do morro do Senado. Visto ao longe, assemelhava-se á barraca de um gigante formidavel, armada ao vento em uma cidade de pigmeus; dentro, porém, dava a impressão de um guarda-chuva enorme, com as suas varetas e cordoagens, que se entrelaçavam, teciam, e misturavam, em todas as direcções.

— Vae ser um acontecimento! — diziam os moradores das visinhanças, ao ver os preparativos.

E a realidade ultrapassou as expectativas. Os numeros, não podiam ser mais variados. E tão abundantes eram, que havia um, e não dos menos perigosos, em que o famoso atirador mascovita Ivan Strogonoff, da antiga guarda do Czar, se propunha tirar o paletot e a calça de qualquer espectador, a vinte metros de distancia, sem lhe tocar no corpo e com o auxilio, apenas, das suas balas de carabina.

A primeira parte do programma correu debaixo de applausos estrondosos. Os palhaços Bombini, o equilibrista Fournier, os athletas Franz e Hermann Schultz, a dançarina Fieredowa e o illusionista Pettersen, haviam encantado a multidão, espetada nas onze ordens de archibancadas, em collocação ascendente. E foi quando appareceu na arena, trajando casaca e calções de setim verde, e carabina na mão, o famoso atirador Strogonoff.

Uma salva de palmas, um chapéo de plumas agitado em agradecimento, e a voz do russo, propondo:

— Convido um dos senhores espectadores para servir de alvo neste numero. Comprometto-me a tirar a calça, o paletot, e o collete de quem se apresentar, sem tocar-lhe na pelle. A empresa indemnizará com outra calça, outro paletot e outro collete, aquelle que acceitar este desafio!

Um sussurro de bosque agitado pela ventania encheu, primeiro, o bojo do circo monstruoso. Passado este, fez-se um pequeno silencio. E quem cortou essa fatia de silencio com a lamina da sua voz trovejante, foi o Athanasio Costa, operario mettido a valente, e valente de verdade, o qual se encaminhou, logo, para uma das extremidades da arena, entre os applausos retumbantes da assistencia espantada.

O momento era grave, augusto, solemne. Podia-se, na quietação em que ficaram os espectadores, ouviu o espirro de uma formiga. Teso, a cabeça levantada, os braços cahidos, Athanasio esperava.

— Não se mexa! — pediu Strogonoff, de repente, o olho na pontaria.

E estalou o primeiro tiro. Estalou o segundo. No decimo primeiro cahiu a ultima tira do paletot. No vigesimo, voava o collete, em frangalhos. E quando no quadregesimo oitavo, tombou a ultima tira da calça, deixando o operario em roupas brancas, os applausos encheram o circo de tal modo que mais parecia o imenso rolar de um trovão.

Terminado o numero, o Athanasio entrou para a caixa do circo.

— Aqui estão cem mil réis para o seu paletot, meu amigo... Cincoenta para o collete, cincoenta para a calça... — disse-lhe o director. — E os meus parabens, pela sua coragem.

— Só isso? — fez Athanasio, com os duzentos mil reis na mão. — E o da ceroula?

— Mas, eu não estraguei a sua ceroula!

— Sim, senhor, eu sei, — tornou o operario; — mas...

E mostrando o desastre:

— Eu... estraguei!



Humoristas Francezes

O ANNEL POR GEORGES DOLLEY

(Trad. d'"A MAÇÃ")

Robert Durand e madame acabavam de jantar. Robert Durand é joalheiro, mas a sua joia não está na vitrina: está ali, na poltrona, pois mme. Robert Durand é uma adorável morena, cujos olhos promettem tudo e cujo collete nada concede.

— Olha o meu annuncio, — diz Robert Durand: — «Casa ROBERTS, rua de Rivoli. As mais belas joias, os preços mais vantajosos. Especialidade em joias para presentes».

— Bem feito, o teu annuncio.

— E agora vou deixar-te, minha querida: vou ao estabelecimento.

E o joalheiro sae.

Uma vez só, mme. Robert Durand veste-se, enfia na cabeça graciosa um delicioso chapéo pequenino, põe a sua capa de bisonte, e sae a passear, lentamente. Mulher de joalheiro, interessa-se pelas joias. E, por isso, vaie parando deante de cada vitrina, de cada mostruario de joalheria, olhando a scintillação branca dos diamantes, o olhar sombrio das saphiras, a alegria vermelha dos rubis. De repente, volta-se. E' que sobre o seu hombro, com o queixo quasi no seu pescoço, um cavalheiro sussurrava:

— Qual d'essas joias prefere?

Mme. Durand, que é uma senhora bem educada, não responde, e continúa o seu caminho. O perseguidor é, porém, obstinado, e continúa a segui-la, ao mesmo tempo que diz, consigo mesmo:

— Não ha duvida: é uma das taes; toilette, andar, tudo, denuncia o typosinho mundano... Mundana chic, mas mundana... Ella não responde para fazer-se mais valer... Mas eu a terei, é questão de paciencia... Conheço muito o processo...

Approxima-se. Vendo-se perseguida, mme. Durand apressa o passo, até que entra em casa, onde, correndo ao espelho, vê que a sua «toilette», de facto, lhe vaie muito bem.

Emquanto isso, o perseguidor penetra na loja da porteira, e, mephistophelico, estendendo-lhe uma nota de cem francos, indaga:

— Como se chama esta senhora que subiuz?

— Mme. Robert Durand.

O perseguidor vaie pedir novos esclarecimentos sobre a inquilina, mas o marido da porteira, um soldado de policia, entra na loja. A porteira esconde o bilhete, e faz signal ao cavalheiro para

que saia. E o perseguidor sae, levando como unica informação o nome da senhora a quem perseguiu.

— Evidentemente, — pensa o perseguidor, — essa creaturinha gosta das joias. Uma pedra no caminho, e ella cae. Vamos pôr-lhe uma.

Toma um jornal, e lê: «ROBERTS — Joias para presentes».

E vaie á «Casa Roberts». Escolhe uma esmeralda.

— Quanto?

— Quinze mil francos.

— E' caro.

— Quer uma de dez mil, com sapo?

— Com sapo, só para uma rã.

— Deixa-lhe essa por doze mil.

— Está bem. Aqui está o meu cartão. Faça o favor de envial-o, com a joia, a mme. Robert Durand, Avenida Victor Hugo, 53.

Robert Durand empallideceu; fleugmatico, deu, porém, o recibo, e recolheu os doze mil francos.

No dia seguinte, o coração cheio de esperanza, o perseguidor espera mme. Robert Durand. Ella apparece, mais adorável que nunca.

— Madame,

— Deixe-me em paz, por favor!

— Deixa-a em paz, eu? Então, devolva-me o meu annel!

— Annel? Eu sei li de annel! Eu não recebi nada.

— Não recebeu nada?...

O perseguidor toma um taxi:

— Casa Roberts, rua de Rivoli.

O perseguidor chega na joalheria.

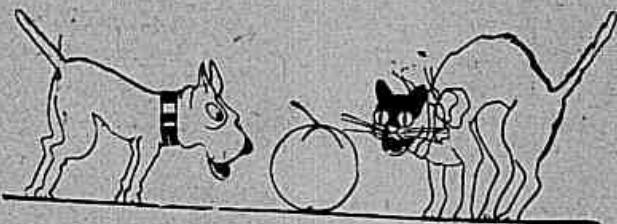
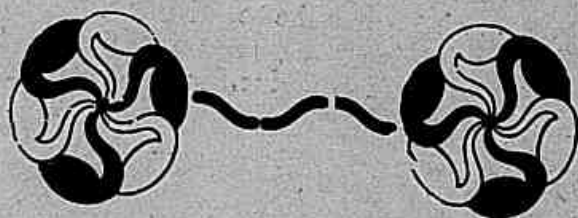
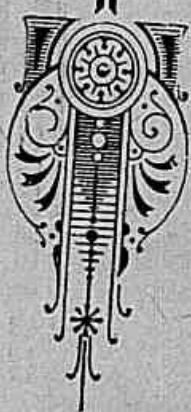
— Senhor Robert, o senhor não enviou a mme. Robert Durand a joia que eu comprei hontem?

— Sim, cavalheiro. Ella chegou ao seu destino... Ella alli está, na vitrina... — informa o joalheiro, indicando-lhe no mostruario a esmeralda que elle havia pago na vespera.

— Não comprehendo.

— Não comprehende? Pois, é simples. Eu sou Robert Durand; a mulher mora onde mora o marido. Eu lhe agradeço, vivamente, a lembrança, em nome da minha mulher...

GEORGES DOLLEY



Chronica photographica da cidade

OS SPORTS DA SEMANA



1—Regata intima do Vasco. 2—Prova classica «Commandante Midosi», vencida pelo C. Internacional de Regatas. 3—«Campeonato do Remador», vencido por Jorge Matos, do Boqueirão do Passeio. 4—Vista da enseada de Botafogo. 5—Prova classica «Julio Furtado», vencida pelo C. R. Vasco da Gama. 6—A embarcação vencedora do Pareo de Honra «Feliciano Sodré»

FIGURAS PROMISSORIAS
(HOMENS DE LETRAS)



ASSIS 'VON' CHATEAUBRIAND

FIGURAS PROMISSORIAS

ASSIS CHATEAUBRIAND

A cidade de Umbuzeiro, na Parahyba, foi, sempre, um dos centros de maior politicagem no Estado. O sr. Epitacio Pessoa, fructo authenticco da região, é um documento do estado de alma que alli prepondera, e do modo porque os politicos se combatem. Tudo, alli, é pretexto para um conflicto entre os partidos. Quando um grupo sobe ao poder, o outro manda matar todos os gallos do quintal, para que estes não respondam aos gallos do partido governista, açulando, dessa maneira, o odio dos respectivos proprietarios. E era ahi que exercia as funcções de juiz municipal o bacharel Francisco Chateaubriand Bandeira de Mello, quando, em 1892, se ouviu dentro de um quarto um vagido de creança recém-nascida.

A casa do magistrado encheu-se de amigos.

— E' varão? — perguntavam.

F. Chateaubriand de Mello:

— Não; por enquanto... é «varinha»!

E tinha razão, o juiz. O menino, nascido embora de tempo, não tinha mais de dois kilos e meio e, quando se zangava, e se espichava, trinta centímetros de comprimento. Quanto à gordura, havia um trabalho doido para vestil-o, pois o pirralho fugia com o corpo, e sabia, como uma enguia, pela manga da camisa de boneca.

— Vae ser um gigante! — affirmava o pae.

E começou a alimentar a creança com leite de cabra.

A cabra, animal domestico, no dizer do erudito Mario Guedes, é, por natureza, irrequieto. As do Umbuzeiro são, porém, mais puladeiras que todas as outras. D'ahi o desgosto que teve o juiz municipal da cidade, ao ver o filho, com tres mezes apenas, e quarenta centímetros de altura, saltar de cima da mesa de jantar, e precipitar-se, aos saltos, pela praça da matriz, para cheirar o cangote a umas mulatas que passavam para a egreja e que, de longe, rescendiam a catinga de bode.

— Que?!... — exclamou o pae. — Vou tratar de ir-me embora d'aqui.

E, cinco mezes depois, installava-se na capital parahybana, como procurador geral do Estado, logar que exerceu até 1895, quando se transferiu para o Recife, indo residir, por esse tempo, no velho bairro dos Dois Irmãos.

Foi ahi, á margem do Capiberibe, que Francisco de Assis Bandeira de Mello, que teria de ser, mais tarde, Assis Chateaubriand, tomou entendimento da vida. O pae, sonhador romantico, perguntava-lhe, ás vezes, que pretendia elle fazer quando ficasse homem. E o filho, prompto:

— Compro um papagaio de papel, bem grande, e vou empinar, sosinho!

Para o menino de Umbuzeiro, era essa a maior das felicidades. Até os seis annos, a sua occupação consistia em soltar pião, apará-lo na unha, e empinar papagaio. E gozava as delicias d'essa vida, quando chegou ao Recife, para estudar Direito, o actual deputado Tavares Cavalcanti, o qual foi residir na casa do antigo procurador do Estado da Parahyba e tomou a seu cargo a instrucção do pirralho.

Em 1903, já adeantado, matriculou-o o pae no collegio de Affonso Monteiro Pessoa, parente do futuro presidente Epitacio. E dias depois, chegava o menino em casa.

— Que é isso? Que aconteceu? — indagou o «velho».

— Nada, não, senhor.

E esfregando as mãos, contente:

— Eu fui expulso!...

E tinha sido, mesmo. Natural de Umbuzeiro, Affonso Pessoa trazia na guelra o sangue da familia. E como o

collegio fosse pequeno demais para dois atrevidos, ou antes, para dois filhos do Umbuzeiro, puzera, quanto antes, o menino no olho da rua.

Em 1904, com doze annos, matriculava-se o garoto da Parahyba no Gymnasio Pernambucano. E dois annos mais tarde publicava, ahi, «O Prego», jornalsinho escripto à mão, e que foi, na vida jornalística, o primeiro ensaio do «O Jornal», a ser remodelado pelo mesmo cerebro, e pelas mesmas mãos, dezoito annos depois. Nas matriculas do Gymnasio, o estudante parahybano não esquecia, entretanto, de assinalar:

— Francisco de Assis Bandeira de Mello, candidato á Escola Naval.

A carreira a que o pae o destinava era, effectivamente, a de marinheiro. Em 1908 entrava, entretanto, o rapazola para a Faculdade de Direito, onde, no anno seguinte, se lançava apaixonadamente á politica e á imprensa, realizando «meetings» opposicionistas e lançando os seus primeiros artigos apaixonados, com a assignatura — A. Bandeira de Mello.

Esses primeiros artigos foram, logo, uma revelação. Com um conhecimento largo das litteraturas ingleza e allemã, aquelle rapazola espantava os mestres. Idolatra de Ruy Barbosa, fundou o «comitê» propugnador da sua candidatura á presidencia da Republica. Fez discursos. Correu na frente da cavallaria policial com um denodo de gente grande. Atravessava a ponte de Santo Antonio em um millesimo de segundo. E dia não havia em que não desabasse contra Pinheiro Machado e Nilo Peçanha, padrinhos da candidatura Hermes, como interprete do civilismo do coronel Luiz de Faria, proprietario então, e ainda hoje, do «Jornal do Recife».

Um dia, o coronel Luiz de Faria chamou-o, indignado:

— Senhor Assis, o senhor está despedido do jornal. O seu artigo de hontem ia sacrificando a empresa.

O jornalista arregalou os olhos. E o coronel:

— O seu artigo atacando a candidatura Hermes foi um desastre.

— Mas, não foi nos termos do de ante-hontem?

— Foi, sim; mas...

E sincero:

— Ante-hontem eu não sabia, ainda, que a candidatura Hermes estava victoriosa.

Posto, assim, em disponibilidade litteraria, o moço A. Bandeira de Mello, convidado por varios jornaes, preferiu o «Jornal Pequeno», de Thomé Gibson. E ahi iniciou a sua vida de «enqueteur» admiravel e vivaz, aperfeiçoando-se na arte de fazer falar os homens mais impenetraveis, em que é, hoje, verdadeiro cathedratico no jornalismo brasileiro. Precedendo a imprensa catolica, surprehenha (le em meio do caminho os viajantes illustres, entrevistando, em viagem, Clemenceau, Caillaux, Ferr., Paul Adam, e outras figuras do mesmo quilate. E quando não havia viajantes, lançava artigos de Direito, de critica social, de alta litteratura, com uma competencia de mestre. O volume intitulado «A Morte da Polidez», apparecido em 1911 e em que investia contra o germanismo de Sylvio Romero, concatenava alguns desses artigos e patenteava um conhecedor profundo do idioma e das letras allemãs.

Em 1912, formado, é A. Bandeira de Mello, já tornado Assis Chateaubriand, convidado por Estacio Coimbra para dirigir o «Diario de Pernambuco». O «Diario» fecha, sob as balas da intervenção federal. Processado pelo marechal Dantas Barreto, é o jornalista pronunciado, mas

(CONTINUA NA ULTIMA PAGINA)

VELHAS HISTÓRIAS

TROCAR DE CAMISA POR JOÃO D'ELVAS

Desde que lhes chegára, em São Cosme do Monte, a notícia de que o primo Manoel havia enriquecido, no Rio de Janeiro, durante a guerra, com a exportação de cêbo de carneiro para as pernas do exercito austriaco, o Baptista e o Aleixo resolveram arrendar a terra que cultivavam e partir, o mais cedo possível, para o Brasil. O parente devia ter, por cá, uma collocação para elles; e foi com essa convicção que se metteram a bordo do «Porto», com passagem de 2.^a classe, trazendo como bagagem apenas uma caixa de pinho, de dois palmos de comprimento sobre um e meio de largura.

A viagem transatlântica, entre o Douro e a Guanabara, foi feita sem incidentes maiores. A guitarra gemia dia e noite, e, com ella, os fados saudosos, chorando a terra de Portugal. E tão divertido foi tudo isso pelo caminho, que, quatorze dias depois da partida, saltaram os dois, com a caixa de pinho, na escadinha do cães Pharoux.

O exame da bagagem tinha sido sumario. O guarda aduaneiro abriu a caixa e, encontrando nella apenas um calção de velludo, um par de tamancos e duas cintas de lã, despachára os portadores do volume, mandando-os em paz. E foi com a caixa debaixo do braço, a jaqueta no corpo e o chapelão na cabeça, que os dois viajantes se hospedaram na «Pensão de Leiria», pertencente a um patricio, nas proximidades do velho mercado.

— E agora, Baptista? Que vamos fazer? — indagou o Aleixo.

— Agora, vamos procurar o Manoel no armazem delle.

— Então, vamos!

Duas horas depois, graças ás notas por escripto que possuíam, estavam os dois á rua Visconde de Inhaúma, no estabelecimento do primo.

E foi com furioso entusiasmo que se lhe atiraram nos braços, martelando-lhe as costas com violentas punhadas que só o parentesco justificava.

— Por cá, vocês! hein?

— E' verdade! Por cá!

E abraçaram-se de novo.

Ao fim de meia hora de palestra, o Manoel, passando em revista a «toilette» dos parentes e, principalmente, o estado da roupa branca, resolveu suggerir-lhes a idéa de substituírem esta ultima, afim de os poder levar para casa, onde jantariam juntos.

— Pois, é isto, meus velhos; vocês vão ao hotel, trocam a camisa, e voltam para jantar commigo!

A caminho da pensão, iam, os dois, cabisbaixos, soturnos, meditativos, como homens preocupados com alguma coisa incomprehensivel.

E estavam nesse pé, quando o Baptista despertou o outro:

— Não achas, ó Aleixo, que o Manél está mettido a luxos?

— E' verdade! — confirmou o companheiro. E o primeiro, intrigado:

— Que idéa esta delle, de nos mandar á casa para que eu vista a tua camisa e tu vistas a minha... Não achas?

Outros tempos, outros costumes



Elle — Não vejo vantagem! Na idade d'elle eu tambem me punha em pé com a mesma facilidade!

ELOGIO MUTUO HUMBERTO DE CAMPOS

Têm nossos índios uma planta
A que elles chamam paricá.
A quem a toma, enleva e encanta,
E tal ventura, em sonhos, dá,
Como lhe não daria tanta
A propria fôrça de Tupá.

Para tomal-a, o índio procura
Ao som selvagem do boré,
Uma outra humana creatura
Que no remedio tenha fé.
— E' assim que ordena, da espessura
Da grande selva, o seu pagé.

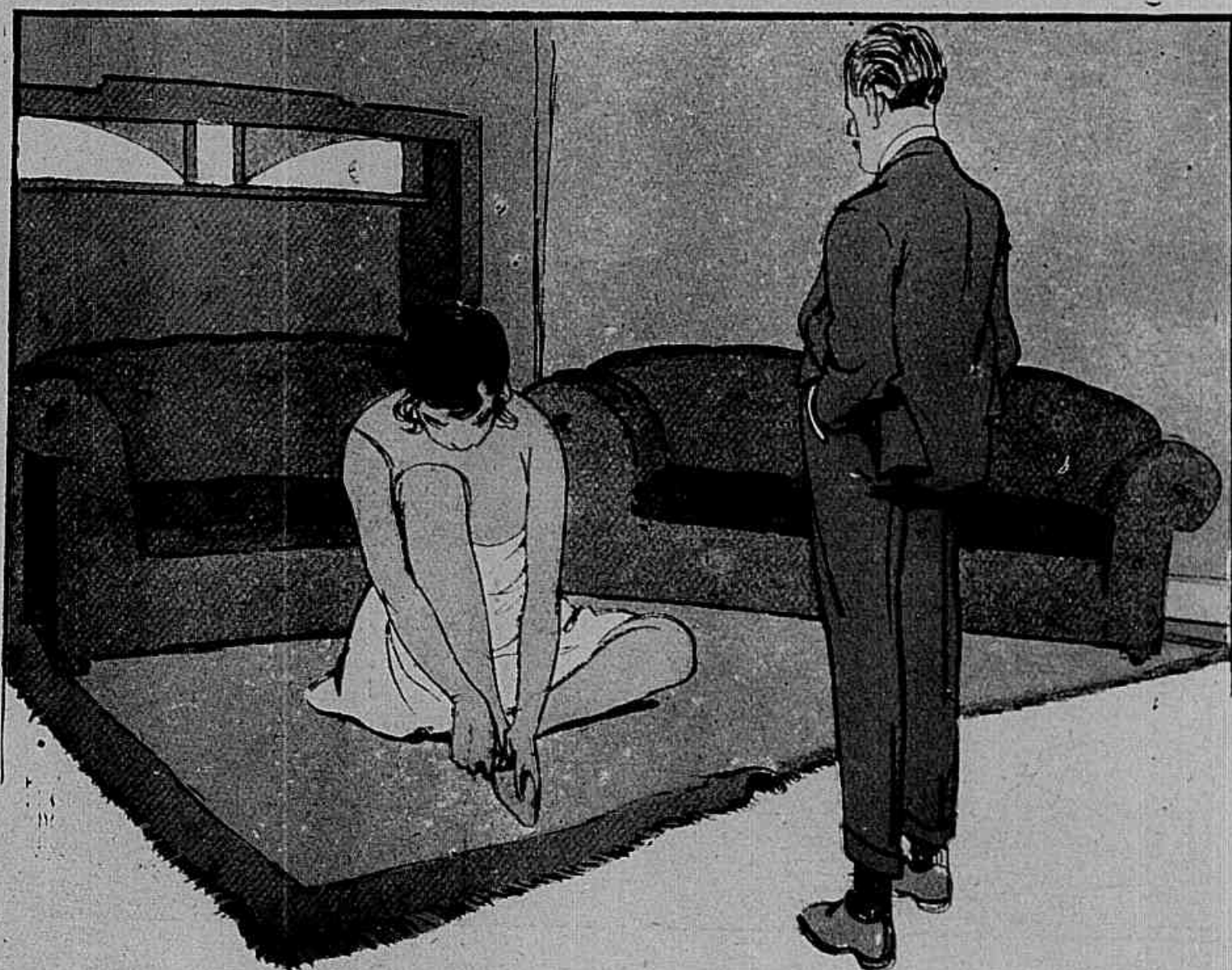
Pulverizada a planta forte.
Põe dois punhados o tupy
Pelo orificio e pelo corte
De fino e leve taquary;
E cada bugre, desta sorte
Toma um pedaço para si.



Feito isso, cada companheiro
Põe no nariz do outro, sem dó,
O seu canhão e, traiçoeiro.
Sópra lá dentro o negro pó.
— E dorme, assim, cada guerreiro
E tem seu sonho de Jacob...

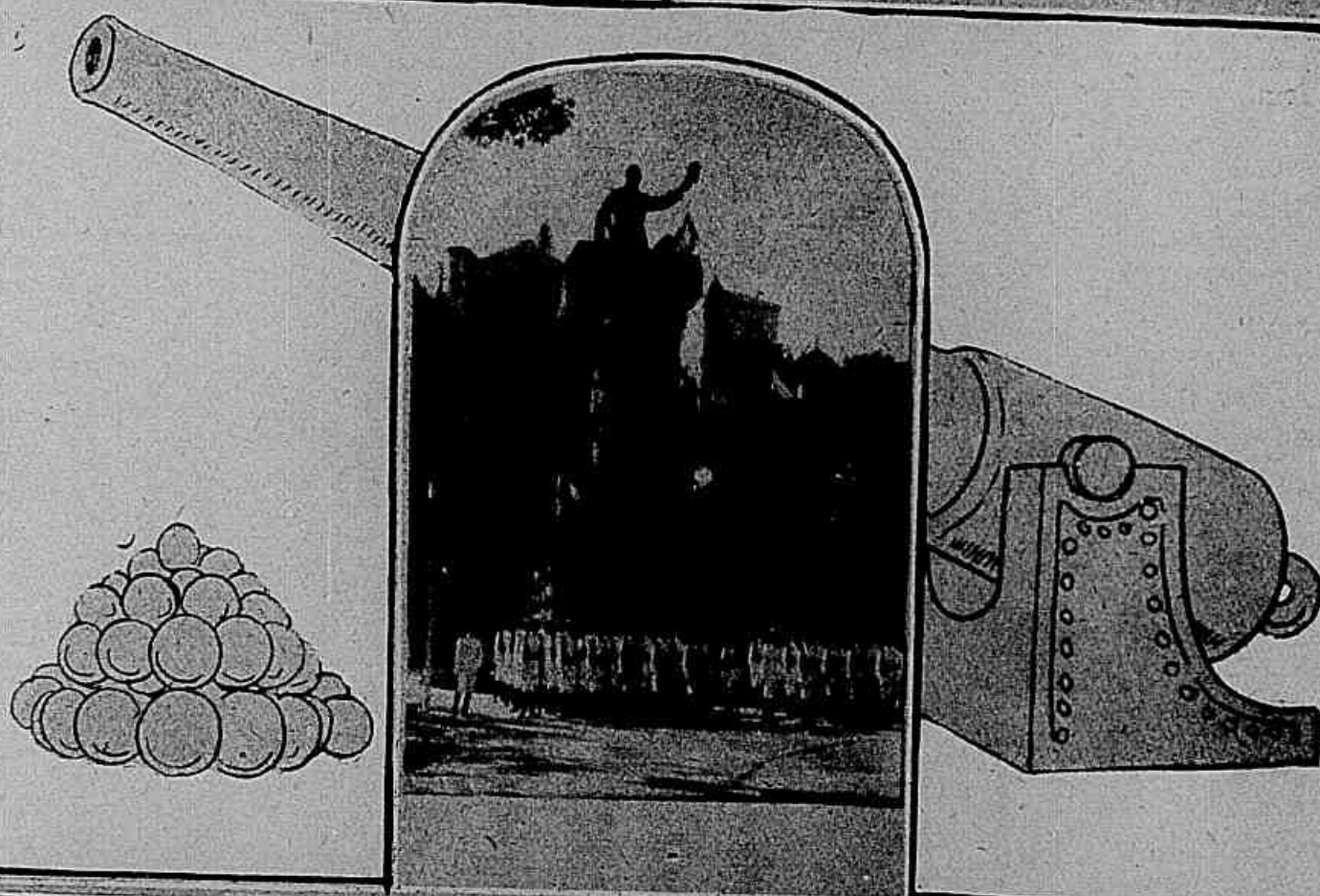
O' tu, que lêes a minha historia,
Dize: em que gente pensas tu
Ante a fortuna transitoria
D'este selvagem bronzeo e nú?
— Quantos mortaes não vão á gloria
Com dois pedaços de bambú!?

© HUMBERTO DE CAMPOS ©



ELLE — Não sou da tua opinião; não gosto da meia larga!

O BRASIL CUMPRINDO O SEU DEVER



A marinha de guerra e a reserva naval, prestaram este anno significativa homenagem ao Heróe do Riachuello, desfilando em continência á sua estatua. As photographias acima apresentam varios aspectos dessa commemoração civica.

OS PUDICOS PELO ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Nenhum homem passou á historia com fama de integridade tão perfeita como Catão, o censor; e, no entanto, é sabido o que era a sua vida íntima, o interior do seu lar, o qual era alvoroçado todas as noites, pelo grande moralista, que levava até alta madrugada a correr, bebado, atrás das escravas bonitas.

E' essa, em geral, a condição dos homens demasiadamente severos com os outros. Impossibilitados, por hypocrisia, de patentear a face do seu character, o resultado é tornarem-se piores do que aquelles que elles proprios denominam devassos, fazendo explodir, de uma vez, o seu temperamento sopitado pelas conveniências.

A maior parte da humanidade é constituida de Catões mais ou menos assim. Cada um delles é como os lavatorios, que, ou estão destapados, e vasam pelo orificio destinado, a esvasial-os, ou deixam fugir a agua, sorrateiramente, por uma valvula secreta de escapamento, que impede o alagamento da casa. A generalidade é, mesmo, como aquella namoradilha de um illustre deputado cuja chronica pertence, hoje, aos fastos da galanteria nacional.

Apaixonado pela encantadora brasileirinha, andava já o conhecido parlamentar em companhia da familia da noiva, quando lhe succedeu ir a um cinema da Avenida com a pequena e a futura sogra. Chegaram, entraram, tomaram logar, ficando o rapaz ao lado da moça, e aguardaram, os tres, o completo dominio das trevas.

Um soar de campainha, assobios de reposteiros correndo nos ganchos, e cahiu, tudo, na escuridão. Assim, porém, que escureceu, notou o moço que a cabeça da rapariga principiava a tombar sobre o seu hombro, até que a sentiu, delicada, com toda a doçura do seu peso. Educado e discreto, quiz fugir com o corpo; e ainda não havia tomado essa deliberação quando percebeu que a menina, á semelhança das gatinhas amorosas, principiava a esfregar o focinhozito vermelho no seu pescoço, causando-lhe arrepios brandos, vagos, quebrantadores.

— Que é isso, Nininha!... — protestou o rapaz, com os cabellos todos de pé.

A moça não deu, porém, resposta: continuou a animal-o com o beicito de coral, ora subindo pela face, ora descendo pelo pescoço, como se quizesse aquecel-o com aquellas caricias verdadeiramente imprevistas. De repente, sabendo-o arrebatado pelo carinho que lhe fazia, avançou mais, chegando a bocca de rubi até a sua ore-

lha: e desandou a beijal-o ahi, soffrega, ardente, deliciosa, numa perversão maravilhosa dos sentidos.

Honesto e bem intencionado, o deputado pediu:

— Não faça isso, filhinha... Sim?

E após um instante de silencio:

SALVAÇÃO



Elle — Não tenhas medo, filha. Firma as pernas e segura no pau!

— Por que você não olha para a «fita»?

— Eu? Deus me livre! — protestou a moça, insultada.

E voltando a ataca-l-o:

— Mamãe me disse que essa «fita» é muito immoral!

E continuou a mordel-o, a beijal-o, a babujal-o, pescoço acima.

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

A VENUS DAS PELLAS POR SACHER MASOCH

(Conclusão)

• Meu querido. — Não te verei hoje nem amanhã, mas depois de amanhã, e já como meu escravo. — Tua senhora — WANDA. •

As palavras «como meu escravo» estavam sublinhadas. Li mais uma vez o bilhete, recebi de bom humor a nova manhã, e, mandando que ensilhassem um asno, um verdadeiro burro sabio, fui para a montanha afogar a minha dor e enganar os meus ardentes desejos no scenario magnifico da grandiosa natureza dos Carpathos.

Eis-me aqui de regresso, fatigado, faminto, morrendo de sede e, sobretudo, de amor. Visto-me ás pressas e bato, pouco depois, á sua porta.

— Adeante!

Entro. Ella está no meio do aposento, os braços cruzados sobre o peito, as sobrancelhas franzidas, trajando um vestido de seda branco scintillante, como o dia, e uma «kazabaka» de seda vermelha, guarnecida de rico e soberbo arminho. Sobre os seus cabellos empoados, como de neve, um diadema de diamantes.

— Wanda!

Avancei no seu rumo, no gesto de abraçá-la. Ella recuou, porém, e os seus olhos mediram-me de alto a baixo.

— Escravo!

— Minha senhora!

Ajoelhei-me, e beijei a orla do seu vestido.

— Está bem.

— Como tu és bella!

— Agrado-te?

Approximou-se do espelho, contemplando-se com altaneira satisfação.

— Vou enlouquecer! — exclamei.

Ella fez um gesto de desdém, contemplando-me, zombeteira, através das palpebras entornadas.

— Dá-me o chicote!

Olhei em derredór.

— Não; continua de joelhos!

Foi á chaminé, tomou o latego, e, olhando-me enquanto ria, fel-o silvar no ar. Em seguida, suspendeu, lentamente, as mangas da «kazabaka».

Eu murmurava:

— Mulher admiravel!

— Calla-te, escravo!

Seu olhar adquiriu um ar sombrio, selvagem, e a sua mão descarregou-me a primeira chicotada. Quasi instantaneamente, passou com delicadeza a sua mão em redor do



meu pescoço, e inclinou-se, compassiva, até mim.

— Magoei-te? — perguntou-me, entre confusa e angustiada.

— Não. — respondi; — e se me tivesses magoado, as dores seriam um prazer para mim. Castiga-me outra vez, se isso te agrada.

— Mas, se isso não me dá nenhum prazer...

A extranha embriaguez apoderou-se de mim.

— Castiga-me! — repliquei. — Castiga-me, sem piedade!

Wanda brandiu o chicote, e flagellou-me duas vezes.

— Basta?

— Não!

— Deveras, não?

— Chicoteia-me, peço-te! é um prazer para mim.

— Sim; porque sabes que eu te não faço isso de verdade, que o meu coração não te quer fazer mal... Esta brincadeira barbara me repugna; se eu fosse, na realidade, a mulher que açoitava os seus escravos, tu te espantarias.

— Não, Wanda! eu te amo mais que a mim mesmo. Entreguei-me a ti para a vida e para a morte, e podes fazer commigo o que te suggerir o teu orgulho.

— Severino!

— Espesinha-me!

E estendi-me aos seus pés, com o rosto no chão.

— Abomino as comédias! — exclamou, impaciente.

— Maltrata-me, pois!

Houve uma pausa inquietante.

— Severino, previno-te pela ultima vez!

— Se me amas, sê cruel para mim! — gritei, os olhos erguidos para ella.

— Se te amo? Estamos bem!

— Recedeu, olhando-me, com ar sombrio.

— Sê, pois, meu escravo, e aprende o que é entregar-se a uma mulher!

E deu-me um ponta-pé.

— Que tal, escravo?

Tomou o chicote.

— Levanta-te!

Quiz levantar-me.

— Assim, não; de joelhos!

Obedeci, e ella começou a chicotear-me.

As chicotadas, vigorosas, choviam sobre as minhas espaldas, sobre os meus braços, cortando-me as carnes, em que deixavam uma sensação de queimadura. Mas o soffrimento me transportava, porque provinha d'ella, da mulher adorada, d'aquella por quem estava disposto, a todo o momento, a entregar a minha vida.

Por fim, deteve-se.



A VENUS DAS PELLAS POR SACHER MASOCH

— Principia a agradar-me este divertimento, — disse. — Mas é bastante, por hoje. Sé o que me perturba, é a curiosidade diabolica de saber até onde chega a tua resistencia, a volupia cruel de sentir-te tremer sob o meu latego, de ver como te dobras, e de ouvir por fim, os teus gemidos, os teus ais, os teus gritos de dor, até que peças misericordia e eu continue ferindo-te ainda sem piedade, até que tombes aos meus pés, sem voz e sem sentidos. Despertaste em mim instinctos perigosos. Agora, levanta-te!

Apodери-me das suas mãos, para leval-as aos meus labios.

— Que audacia!

E dando-me com o pé:

— Fora da minha vista, escravo!

Após uma noite de febre, passada em sonhos confusos, despertei. Amanhecia. Que ha de certo no que fluctua nas minhas recordações? Seria realidade ou terei sonhado? E' exacto que fui chicoteado; conto, um por um os golpes na minha carne; posso contar uma por uma as vergastadas que retalham o meu corpo. Foi ella quem me flagellou! Sim; sei já, de tudo. Meu sonho corporificou-se. Que direi agora? A realidade ter-me-ha desengano do meu sonho? Não. Apenas me encontro um pouco fatigado; mas a sua crueldade enche-me de alegria. Oh, como a amo! como a adoro! Ah! tudo isso não exprime de maneira alguma o que sinto por ella, e até que ponto lhe entreguei o meu destino!

Chamam-me da janella. Subo apressadamente a escada. Ella está á mesa e estende-me amistosamente a mão.

— Estou envergonhada, — diz, enquanto a abraço, e ella abandona a cabeça sobre o meu hombro.

— Por que?

— Esqueça você a odiosa scena de hontem, — diz, em voz tremula. — Prestei-me á sua louca abcessão. Sejamos agora razoaveis e felizes; amemo-nos, e dentro de um anno serei sua mulher.

— Minha senhora, quer você dizer, e eu, seu escravo.

— Nada de escravidão, de crueldade, nem de chicote, — interrompeu Wanda. — Não concedo a você outra cousa além da minha capa de pelles. Venha commigo, e ajude-me a pol-a.

O relgiosito de bronze, sobre o qual dorme um Cupido junto á sua flexa, dá meia-noite. Levanto-me para sahir. Wanda não diz nada, mas abraça-me e conduz-me de novo ao sofá, onde continúa abraçando-me em uma linguagem muda, profundamente comprehensivel e convincente, que, sem duvida, dizia mais do que eu ousava comprehender. Tão languido abandono reflectia-se em toda a sua pessoa. Essa voluptuosa ternura sahira de seus

olhos entornados, da onda vermelha da sua cabelleira brilhante sob a alvura do seu pó, da seda branca e vermelha que rugia em redor a cada um dos seus movimentos, do arminho da «kazaibaka» em que se envolvia negligente.

— Rogo-te, — balbuciava eu; — mas volta a ser má.

— Faze de mim o que quizeres, — murmurava ella; — eu te pertenco.

— Pisa-me, passa sobre o meu corpo... Supplico-te!...

— Não te prohibi que me pedisses isso?... Não m'o peças...

— Ah! tem piedade!... Enlouqueço!...

Cahi de joelhos e mergulhei o rosto ardente no seu collo.

— Creio, em verdade, — tornou Wanda, reflectindo, — que toda a tua demencia é uma sensualidade diabolica insaciavel. Nossa monstruosidade faz brotar em nós esse estado morbido. Se fosses menos virtuoso, serias mais razoavel.

— Faze-me, pois, intelligente! — murmurei.

Minhas mãos mergulhavam-se entre o seu cabello e a sua pelle, que, como um luar, innundava todos os meus sentidos, e subia, e descia, sobre o seu seio palpitante.

Abracei-a; não, ella me abraçou a mim com tal frenezi, com tão pouca piedade, que parecia querer me comer a beijos. Eu estava como que delirante; parecia haver perdido a razão e o alento. Tentei desprender-me.

— Que tens?

— Soffro atrocmente.

— Soffres?

Wanda desatou a rir, ás gargalhadas.

— Tu podes rir, — gemi eu. — Logo, é que não duvidas.

Outra vez, ella foi sincera. Tomou minha cabeça entre as duas mãos, e, com um esforço violento, atrahiu-me para o seu seio.

— Wanda! — balbuciei.

— Muito bem! De maneira que gostas mesmo de soffrer...

Tornou a rir.

— Espera, que já te farei razoavel.

— Não! Não te quero pedir nada. Se queres pertencer-me para sempre ou só por um delicioso momento, eu quero gozar felicidade. Sé agora minha. Prefiro perder-te a não possuir-te jamais!

— Agora, és razoavel, — disse-me, opprimindo-me com os seus labios assassinos.

Arrebatei-lhe, de um safanão, pelles e collares. Sua garganta nua palpitou contra a minha.

Perdi o conhecimento. Quando voltei a mim, o sangue corria da minha mão. Perguntei a Wanda, fleugmaticamente:

— Arranhaste-me?

— Não; creio que te mordi...

AS RESPOSTAS DO JULIÃO

GASTÃO PENALVA

Quando entrei para a marinha, já o Julião, um commandante velha-guarda, de muito se havia afastado do militarismo. Moço ainda, um touro de força e um leão de energia, levára a sua actividade para o Lloyd, onde a principio lhe deram a commandar um cargueiro dos mais alquebrados. Descontente, o Julião reclamou com toda a razão que já não estava em idade de conduzir calhambeques, que era um official de cotação na armada, com uma brilhante fé de officio, cheia de elogios, de serviços e apenas

NO CAMPO



— Encontraste alguma dhalia?

— Não, filho; parece que por aqui não abunda...

dois ou trez encalhes. Foi attendido. Passaram-no então para um paquete da linha do norte, onde elle dentro em pouco se habituava a carregar deputados em férias, papagaios do Maranhão, madeiras do Pará, coribócas de Cabedelo e queijos do Seridó. Com o tempo, o navio era a sua casa e os passageiros a sua familia.

Caras assiduas nessa travessia já se haviam acostumado a viajar com aquelle homemzarrão cento e vinte kilos, cabeça branca, face glabra

e correcta de romano, que os homens abraçavam cordialmente, as mulheres rodeavam confiantes e as crianças chamavam de vovô.

Apezar da sua lingua viperina, sempre prompta a repellar na integra o desaforo, a desencadear torrentes de improperios que estrugiam pelo barco a fóra como o rugir de um trovão, Julião era estimadissimo pelos seus commandados e pelos seus amigos em transito, que o consideravam uma especie de animal domestico que não convinha irritar.

Certa vez, o antigo marinheiro teve de suspender com o seu vapor ás pressas afim de levar para o sul uma turma de alumnos da Escola Militar, implicados numa famosa rebelião. Uma tarde, á hora do jantar, um dos cadetes, mettido a espirituoso, dirigiu-se ao Julião, enquanto olhava para o fundo do prato:

— Commandante, o senhor sabe que significam estas iniciaes: C. B. N. V.?

— Sei, seu cadete — respondeu tranquillamente o capitão: Companhia Brasileira de Navegação a Vapor.

— Não, senhor — volveu o militar. E' enganoso seu... Isto quer dizer — comida boa não vem.

— Perdão, seu moço — retrucou o Julião. Neste caso quem se enganou foi o senhor. Vou dizer-lhe o que em verdade significam estas letras: — cadete burro não viaja.

Hilaridade geral. E o cadete deu o fóra, enfiado com a lição.

Em outra viagem, por ocasião do almoço, sala cheia, poz-se o Julião a fitar fixamente, ao mesmo tempo absorto, pensando em outra cousa, um caixeiro viajante que occupava a cadeira opposta. Até que o typo, emburrado com aquella estupefacção, não se poudo conter, e perguntou, mal humorado:

— Commandante, que tanto olha o senhor para a minha cara? Não tem educação? Nunca me viu?

— Sem arreios é a primeira vez, — concordou calmamente o Julião.

Em extremo gentil para com as damas, num momento desconhecias, si alguma dellas se excedia ou procurava ridicularizal-o.

Trazia elle uma vez do norte a numerosa prole de um governador deposto. Uma verdadeira arca de Nóc. Bandos de velhas, moças, rapazolas e fedelhos invadiram-lhe o navio, reclamando tudo, exigindo tudo, desde manhã até á noite.

Um bello dia, ainda muito cedo, uma senhorita de familia, em seguida a forte discussão com a camaroteira, correu em lagrimas a queixar-se ao Julião:

— Commandante, estou revoltada com o serviço do seu navio. Uma immundicie. Este Lloyd só para porcos, não é?

— Não, minha senhora — respondeu cortezmente o commandante. Para porcas tambem.

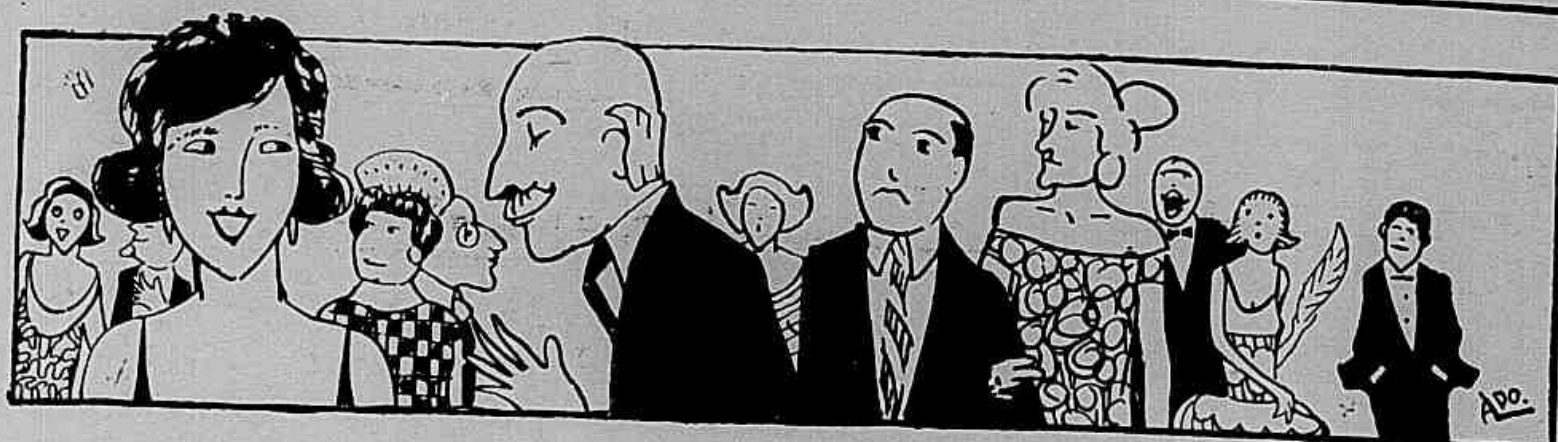
E subiu ao passadiço, contendo uma estrondosa gargalhada.



ACONTECIMENTOS DA SEMANA



1 — Inauguração do monumento ao Barão do Rio Branco. 2 — Procissão de Corpus-Christi. 3 — Festa jubilar de Monsenhor Isauro, na parochia do Espírito Santo. 4 — Festa no «Cercle Français» em homenagem ao consul da França



Pagina portugueza

MULHERES POLICIAS DE CAMARA LIMA

Eu não li a recente reforma da policia. Como não pretendo entrar para a corporação nem espero ser preso e também não me convenço de que a minha rua venha a ser policiada, o diploma ultimamente promulgado não me aqueceu nem arrefeceu. De modo que tive verdadeira surpresa hoje ao lêr em uma folha do norte que a reforma de que se trata, permite a admissão de mulheres ao serviço policial.

Nunca comprehendí exactamente a missão do policia em Lisboa. Pelo que tenho visto, esses funcionarios destinam-se a passear melancolicamente nas ruas da capital com as mãos nas costas e o nariz no ar, como poetas á procura de rima. Contemplativo, de andar pesado, bem armado, mas inoffensivo, o policia é o boi citadino. Mal comparado, falta-lhe só um fio de baba no queixo — e dar ao rabo.

Pessimamente pago e portanto pessimamente alimentado, o infeliz tem ainda por cima de calcurriar por essas ruas 8 horas nas 24 de cada dia, para fazer o chylo de... 150 grammas de fava rica.

Não ha situação menos invejavel, tanto mais que os ossos d'este officio foram agora acrescidos com o contrapeso de uma carabina ao hombro.

Eu creio piamente que, terminada a guerra, não ficarão na corporação duas duzias dos guardas existentes e que será necessario crear uma policia provisoria para prender gente para a policia effectiva.

Foi talvez por prever esta circumstancia que o legislador se lembrou de admit-

tir mulheres ao serviço policial. A ideia é boa e por isso attribuível ao sr. Machado Santos, que na resolução dos embaraços nacionaes tem sido o efficaç citrato de magnesia do governo.

A ver vamos os resultados da medida, que, além de tudo, serão galantes. Evidentemente, as mulheres policias continuarão, como quando simples particulares, a prender os homens... pelos seus encantos. Uma simples piscadela d'olho será mais efficaç do que o «ande lá p'ra deante» do actual civico. O mais turbulento rufia não se negará a seguir a auctoridade, quando esta com o melhor dos seus sorrisos lhe disser: — «Vens d'ahi, oh menino!»

Nas ruas serão frequentes os episodios curiosos.

— Oh senhora policia, faz-me um favor?

— Pois não, cavalheiro!

— Prende-me?

— Da melhor vontade o faria se não estivesse comprometida. Mas estou á espera d'um criminoso que é mesmo os meus peccados.

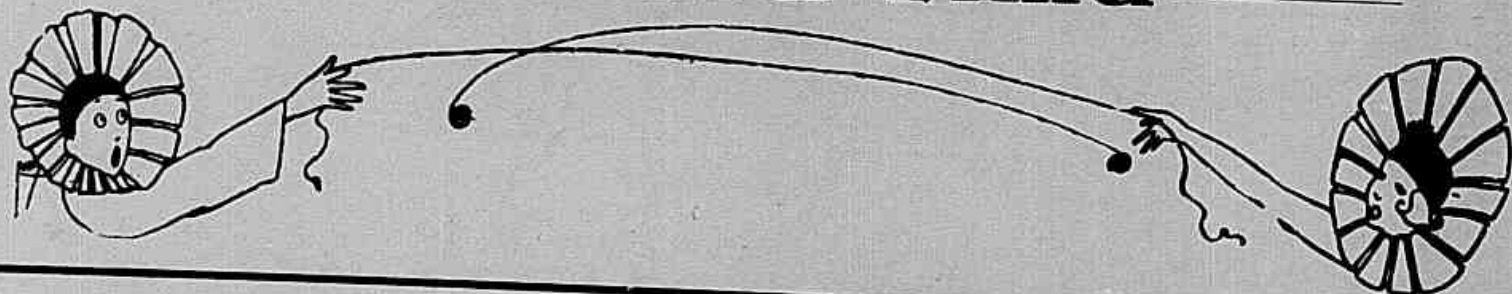
— Ora, que demonio!

— Mas se o sr. tem muita urgencia de ser preso, vae alli abaixo ter com a minha collega 1375, que entrou agora de quarto e está á esquina da rua do Carmo. Diga-lhe mesmo que fallou commigo.

— E ella... prender-me-ha?

— Ora, ora... Aquillo é uma féra para os delinquentes...

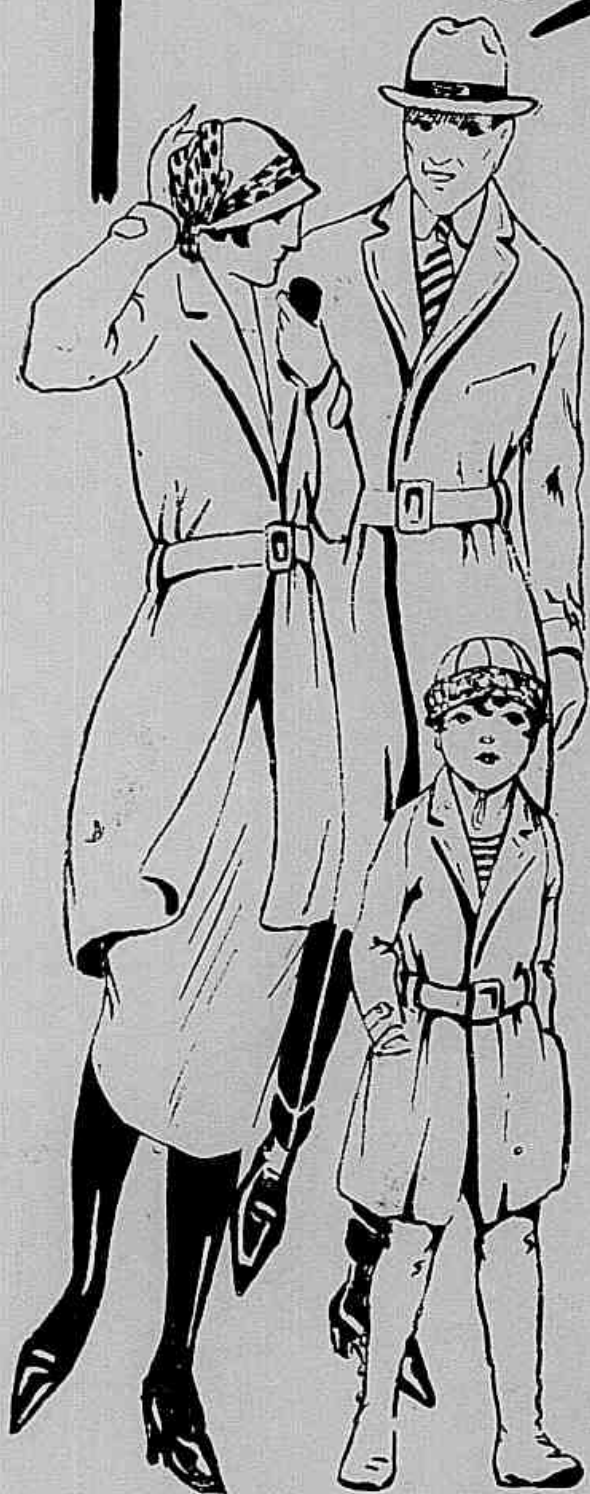
Camara Lima





1, 2 e 3 aspectos do renhido jogo de domingo ultimo no stadium da rua Guanabara entre o Fluminense F. C. e C. R. do Flamengo, o qual terminou com a victoria do primeiro pelo score de 3x1; 4—Senhoras que tomaram parte na festa realisada no Hotel Gloria em beneficio do «Centro Feminino»; 5—Festa no Assyrio, organizada pela senhora Gabriella Bezanoni Lage, em beneficio da Polyclinica de Botafogo; Ao lado, entre flores, a celebre contralto mundial.

Rio A Capital S. PAULO



Em sortimentos de Inverno
Tem tudo que se quizer :
Acham aqui lindas capas
O esposo, o filho, a mulher...



Potini...

Commodidade

Bonde do Leme, á tarde, quasi ao anoitecer, Madame toma o carro em frente ao Posto-chic. Em frente á Brasma senta-se a seu lado o joven medico e famoso pirata.

Pela altura da Lapa, o doutor tem os braços cruzados e uma das suas mãos investe, já, por baixo da capa de madame, procurando-lhe o braço. E a mão avança... avança... avança... Agora, não é mais braço: é collo... E a mão avançando.

Subito, chega o conductor.

— O senhor pagou passagem inteira?

— Até o Leme.

Madame volta-se para o visinho:

— O senhor pretende continuar a fazer o mesmo progresso até o Leme?

E ante o atordoamento do «pirata»:

— Se pretende, diga, porque eu fico logo em camisa para o senhor não me rasgar o vestido!

As Surpresas de Cupido

Não foi sem espanto que a sociedade tomou conhecimento do consorcio, realizado na intimidade, d'aquella curiosa figurinha feminina que enchia a Avenida de rumores malevolentes.

— Como foi isso? — indagava-se. — O noivo, então, não sabia que ella tirou um retrato, em trajes paradisiacos, e que deixou em varias «garçonnières»?

Afinal, parece que o caso está explicado: o pedido de casamento foi feito pela Policia, ás quatro horas da tarde, em uma casa suspeita da rua Silveira Martins...

A vitrola

São noivos, e jovens. Á noite, após o jantar, a casa enche-se de amigos e conhecidos, que ficam na sala de jantar, jogando o «quino». Os namorados, porém, isolam-se, mettendo-se para a sala de visitas, de onde, dentro em pouco, principiam a vir as risadinhas, os gratinhos, e, não raro, os suspiros apaixonados.

Uma d'estas noites, no meio das suas visitas, o dono da casa começou a ficar vermelho, na sala de jantar. Os ruidos que lhe chegavam do compartimento contiguo eram dos mais compromettedores. De repente, teve uma idéa.

— Mariasinha! — gritou.

E sem que alguém respondesse:

— Bota a funcção a vitrola!

A banheira

— Madame é de um escrupulo que vae até ao ridiculo. Raramente chama as cousas pelo nome, procurando sempre um rodeio, uma hyperbole, uma forma gentil para nomeal-as. Esta semana, precisando de um vaso intimo, de um aparelho de uso domestico, privativo das senhoras, foi a uma casa de artigos sanitarios.

— V. Excia, dezeja alguma cousa? — accorreu o empregado.

Madame ficou vermelha, branca, azul. E, de repente, resolvendo-se:

— O senhor tem, aqui, essas banheiras de louça, de pé, para creanças... que nascem mortas?

A cabeça do bacalhau

Em dias da semana passada houve, para as bandas do antigo Morro do Senado, um grave incidente que degenerou em comedia. No alto de um sobrado, á noite, appareceu uma senhora nova, que se queria precipitar á rua. Um cavalheiro moço pega-a, detem-na, levando-a para o interior da casa. Intervem um cavalheiro idoso. Discussão, gritos, descomposturas. Intervem a Policia.

— Eu sou o senador fulano! — diz o ancião.

— Eu sou o filho do deputado sicrano! — diz o moço.

E o marido?

— O marido — informa a «Noite», — como a cabeça do bacalhau, não appareceu.

Quanto bacalhau sem cabeça tem, hoje, o Rio de Janeiro!...

O fiscal

O joven literato, apadrinhado por um conhecido politico do sul, anda, agora, após varios annos de parasitismo, em busca de um emprego. O «protector» enviou-o a um amigo, que, com a sua franqueza destemperada, foi, logo, indagando:

— Diga-me uma cousa, moço: que é que o senhor pretende?

— Eu queria um logar de fiscal de Banco.

— De banco?... — fez o chefe politico.

E implacavel:

— Por que o senhor não fica em casa como... fiscal de cama?



OLHO DE VIDRO



O que elles não escrevem ...

As sepulturas em Sant'Anna de Lima

O academico e deputado Augusto de Lima, politico em Minas, tem o seu centro eleitoral em Santa Anna de Lima, onde vai frequentemente. Por occasião das ultimas eleições, foi lá, e, visitando o cemiterio, soube que o coveiro, abusando da protecção que lhe era dispensada, enterrava os defuntos em buracos de, apenas, quatro palmos de profundidade.

Chamou-o á ordem:

— O seu fulano, é certo que você tem preguiça de abrir as sepulturas, enterrando os cadaveres em buracos sem a profundidade estabelecida no regulamento? Que profundidade tem as covas aqui?

— Seu doutor, — confessou o coveiro, — a fundura do buraco para os defuntos, ao certo, eu não sei; mas o que posso garantir a Vossa Senhoria...

E com emphase:

— E' que até agora não fugiu nenhum!

Pagando a «visita»...

Antonio Austregesilo, medico e pensador, costuma passar, todos os annos, uma temporada em São Lourenço. Este anno foi, e subindo o rio Verde, foi repousar em uma localidade cujo nome não convém dizer, e onde um dos fazendeiros, logo, o mandou chamar para um serviço clinico.

Austregesilo foi, tratou da pessoa enferma, e, á saída, o fazendeiro indagou:

— Doutor, esta visita deve ser paga?

— Penso que sim... E' uma visita medica...

Dias depois, chegava ao hotel o fazendeiro com a familia toda:

— Aqui estamos, «seu» doutor; aqui estamos...

E abancando-se:

— Viemos «pagar» a sua «visiunha»...

E almoçou no hotel, ainda, á custa do medico, com a familia toda.

Idumentaria academica

Alberto Faria, o conhecido «folklorista», está realizando uma serie de conferencias na Academia Brasileira. Alberto Faria mora, porém, em Paquetá, é funcionario do Museu Historico, e as conferencias da Academia começam ás cinco horas. Para não faltar, então, ao protocollo, o erudito academico vem de Paquetá na barca das oito horas da manhã, e passeia pela cidade, até a tarde, de casaca ou de «smoking».

Um d'estes dias, passava elle, de casaca, pela Avenida, quando um cavalheiro o chamou:

— Psiu!... psiu!...

E numa confusão lamentavel:

— Por quanto você me distribue aqui na Avenida uns programmas de cinema?

Hygiene... literaria

O joven critico literario é d'aquelles que atiram a pedra no telhado do visinho antes que o visinho a atire no seu. De uma hygiene duvidosa, mudando a camisa duas vezes por mez, não cessa de falar nas calças do sr. Duque-Estrada e no collete do sr. João Ribeiro. E, no entretanto, era d'elle que madame Chrysanthème dizia, uma d'estas tardes:

— Coitado! elle não tem escripto porque está doente do pé.

— Do pé?

— Então, não sabia? Pois, é verdade. As baratas começaram a roer-lhe a meia, suppondo que era casca de queijo, e levaram-lhe a metade do dedo!...

E riu, com vontade.

A verdade... pellada

O successo literario do dia é, incontestavelmente, o livro do sr. Epitacio Pessoa, ex-presidente da Republica. Apontado como desonesto pelos seus adversarios, o antigo chefe da nação escreveu um volume de centenas de paginas para provar o contrario, e que está sendo vendido a doze e quinze mil reis, brochado ou encadernado.

— Foi o trabalho mais contraproducente que eu já vi, — opinava, na Leite Ribeiro, o dr. Evaristo de Moraes. — Antes do livro apparecer, eu admittia que o Epitacio fosse honesto; hoje, não; porque eu sou uma das suas victimas.

E empunhando um exemplar:

— Fui «roubado» em doze mil reis!...

Ex-cavações poeticas

Appareceu nas livrarias uma nova edição das «Cigarras», de Olegario Marianno. Mettido em negocios, como auxiliar de José Marianno na execução de contractos com o governo passado, o poeta querido das mulheres andava desentendido com as musas. E agora volta, para reeditar a sua obra exgottada.

— E' verdade, — observara o Eduardo Lemos, na Garnier, — o Olegario, mesmo antes do contracto da ilha das Cobras, já pensava em grandes negocios. Ahi está o livro d'elle, «Castellos de areias».

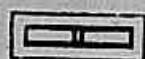
— ?...

— Quem sabe se não se referia ás «Areias do Castello»?...

Eu quasi «morro».



PEDRO III



THEATRICE

"POTINS" OU POTINHOS

Artistas, auctores e os outros

Um inquerito entre artistas

A PROFISSÃO DE ACTOR. — Volta e meia estão a discutir se o ser actor ou actriz é exercer uma profissão. A Casa dos Artistas e a S. B. A. T. não se descuidam mesmo de pôr em fóco, de vez em quando, o caso controvertido. Ha muitos que dizem que sim, outros que dizem que não. Com quem está a verdade? Foi na intenção de descobri-la que fizemos uma pequena «enquête» entre os principais elementos dos nossos theatros. Vão aqui algumas das respostas colhidas, não todas, porque outras são perfeitamente destituídas de interesse.

Dirigimo-nos a artistas da comedia e do theatro mais ligeiro. Encontrámos boa vontade por toda parte, o que não impediu que certas bocas se abrissem para exprimir coisas confusas.

PROCOPIO FERREIRA, sungando os hombros, pondo nos olhos aquella malicia de que possúe o segredo e empinando o notavel appendice nasal, disse: — Sim, senhor, é uma profissão. Mas só é realmente boa quando se completa com a de empresario. Ah, sim, é a sopa no mel.

LEOPOLDO FRÓES, informado da resposta de Procopio, não se deteve: — Não ha duvida. Penso exactamente como o meu collega. Digo mais: todos os artistas dignos desse nome deviam ser empresarios.

ALFREDO SILVA, corrigindo a barriga, tossiu e explicou: — O meu amigo comprehende. Ser actor é e não é uma profissão, sem deixar de sel-o. Se a censura nos deixasse colaborar um pouquinho com os auctores eu lhe diria até que a profissão de actor é das mais divertidas. Pergunte á rapaziada do gallinheiro...

J. FIGUEIREDO, sempre cortez, ia responder-nos, quando, de repente, com aquella voz estentorica de scena, bradou:

— Agora, não posso. Vou p'ra Ponta do Cajú.

AMERICO GARRIDO apertou o sobrececho e sorriu, sem nada dizer.

Entretanto, para compensar-nos desse mutismo, a SR.^a ALDA GARRIDO coçou a cabeça, como faz nas burletas, e não teve cerimonia em affirmar: — Qual profissão, qual canção. Isso é uma pinoia.

Não pensa assim a SR.^a MARGARIDA MAX: — E' uma profissão... ideal. Se quiser, pinto aos seus olhos as delicias da vida de uma estrella...

Quanto á SR.^a ITALA FERREIRA, menos nos optimista que a sua collega do Recreio, assim nos fallou: — E' uma profissão como as outras. Tem altos e baixos. A's vezes a gente se aborrece ao ponto de pensar em morrer.

A SR.^a HENRIQUETA BRIEBA:

— E' uma grande profissão!

A SR.^a ARACY CORTES: — Que profissão, que nada. E' bagunça. Quero lá saber disso... Vou ser empresario...

A SR.^a NAIR ALVES: — E' uma profissão como qualquer outra, civil ou militar.

A SR.^a DR.^a GUILHERMINA ROCHA: — Ainda pergunta? Pois, não vê? Melhor que a medicina.

A SR.^a WANDA ROOMS: — Incontestavelmente é uma profissão, sobretudo quando se tem boa voz.

E não conseguimos saber o que queriamos, por que quasi todos se collocaram no seu ponto de vista pessoal.

Até mesmo uma coristinha assim nos respondeu: — Eu não sou artista. Sou corista nas horas vagas.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Os nacionaes

— A comedia continúa a ter horas felizes no Trianon e no S. José, as bem fadadas casas que todas as noites se enchem de um publico de «élite» que vae applaudir Procopio Ferreira, naquella, e Leopoldo Fróes, neste.

— A revista permanece unicamente no Recreio, com «Comidas, meu Santo», porque os ensaios da Companhia Nacional ainda não permitiram que se abrissem as portas do João Caetano.

Os estrangeiros

— O Theatro Republica tem gente nova. E muito boa. E' a companhia Armando de Vasconcellos que, com exito estrondoso, ali estreou no dia 13, dando a saborear á platéa a encantadora opereta portugueza «A leiteira d'Entre Arroios».

Corações feridos

Ha quasi uma semana partiram... Ha quasi uma semana aqui ficaram alguns pares de olhos a chorar a ausencia das creaturas queridas que regressavam á patria, depois de longa e fecunda temporada no Republica.

Que tristeza!

«Quem parte, leva saudades,

Quem fica, saudades tem...»

Foram ellas que partiram, levando, não sómente saudades, mas tambem lindos vestidos e riquissimas joias. Cada solitario que parece um sol!

E elles, com o coração ralado, aqui se deixaram ficar a vêr se, com o tempo, estancam as fontes do soffrimento e concertam as finanças avariadas.

CORONEL KHAR ONA

(Conclusão de ASSIS CHATEAUBRIAND)

escapa, milagrosamente, pelas malhas de um «habeas-corpus».

Em 1915 abre-se no Recife concurso para a cadeira de Direito Romano e Philosphia do Direito, da Faculdade. Inscrevem-se Assis Chateaubriand, Joaquim Pimenta, e outro. A Congregação estuda o valor dos candidatos, e decide: Chateaubriand, 8 votos; Pimenta, 6.

A politica pernambucana estava, porém, de cima, na occasião. Manoel Borba era governador; Dantas estava no Senado; José Bezerra era ministro. E todos elles, auxiliados pelo ministro Carlos Maximiliano, resolveram impedir a nomeação do moço que a Congregação escolhera, agindo, em ataque cerrado, perante o presidente Wenceslau.

Tendo pela frente inimigos tão poderosos, Chateaubriand corre ao Rio de Janeiro. Faz amizade com Vicente Piragibe, que o leva ao Cattete. Com vinte e tres annos apenas, imberbe, meúdo, cara de creança, entra na sala dos despachos, tímido, acanhado, collegial. Ao ver Piragibe, o presidente Wenceslau estende-lhe a mão, e vae, logo, dizendo:

— Já providenciei, doutor, já tratei do caso do seu menino.

E como o deputado carioca abrisse os olhos:

— Não é esse o menino que o senhor quer internar no Pedro II?

Desfaz-se, porém, o engano. Piragibe apresenta Chateaubriand. Chateaubriand pega fogo, contando o seu caso. E' um advogado, num pretorio, Wenceslau escuta-o, paternal. E, ao fim, declara:

— O senhor tem razão, doutor. A cadeira é sua. Vá descansado...

Por esse tempo já está, porém, A. Chateaubriand na grande imprensa do Rio. Um artigo seu, na «Epoca», sobre Carlos Peixoto, merece um topico de Felix Pacheco, no «Jornal do Commercio», e uma nota de Julio de Mesquita, no «Estado de S. Paulo».

Volta ao Recife. Lecciona Direito dois annos. Advogado, patrocina uma grande causa, e vem com ella para o Rio, onde encontra pela prôa, como advogado da parte contraria, Epitacio Pessoa. No Supremo, obtem 6 votos contra 6. Mas perde pelo voto de Minerva, que desempata... a favor do ex-ministro. Eram ambos de Umbuzeiro.. Epitacio encaminha-se, porém, para Chateaubriand, e, estendendo-lhe a mão:

— Se não fosse eu o seu adversario, a victoria... seria sua!

E abraçando-o:

— Parabéns!

Já no Rio, Chateaubriand resolveu ficar. Collaborador do «Correio da Manhã», os seus artigos sobre politica internacional eram como fogueiras de graveto: montes de idéas pegando fogo, desfazendo-se em scintillações de pedraria. Advoga. Amontôa dinheiro. Em 1920 embarca para a Europa. Vae a Roma. Entrevista Nitti, Orlando, os cardeaes; em Berlim, procura Ludendorff, Rhatenau, Falkenhayn, politicos e generaes. Em Paris, a princeza Isabel convida-o para seu hospede no Castello D'Eu, e mostra-lhe, como a um filho que volta do exilio, as regiões mais pittoresca da Normandia. E de tudo isso, faz Chateaubriand chronicas impressionistas, vivazes, com estylo e com idéas.

Volta á patria. Pereira Carneiro convida-o para o «Jornal do Brasil». Briga e sae, por ser adversario da nova candidatura Hermes. Torna á advocacia. Ganha dinheiro. E' escolhido syndico do Banco Francez para o Brasil. Despacha, ahi, por dia, cincoenta francezas, polacas, arabes e italianas, que alli possuiam as suas economias. E' presidente de uma companhia de seguros, e de outra, de immoveis.

Em 1924 fecha negocio para acquisição do «O Jornal». O proprietario quer 4.000 contos.

— Tres mil e seiscentos contos... Quer? — propõe Chateaubriand.

O dono accede, com a condição de ser conservado o seu nome apagado, no cabeçario da folha, como fundador.

— Está fechado o negocio! — concorda o antigo pirralho de Umbuzeiro.

— E o dinheiro?

Chateaubriand mette a mão no bolso. Tem, ao todo, 1184co. Nos Bancos... tambem não tem um vintem. Corre a um amigo. Arranja 2008000. Voa a S. Paulo. E ao fim de quatro dias regressava d'alli com 4.000 contos, com que compra «O Jornal», renova-o, reorganiza-o, transformando-o em uma das maiores empresas jornalisticas do Brasil.

Tem 32 annos, quasi 33. Se não fôr crucificado agora, onde acabará esse «monstro de actividade», como dizia de Napoleão o seu emulo, o outro Chateaubriand?

A. CHATEAU

“A MAÇA”

Numeros atrasados, desde o primeiro, publicado em 11 de Fevereiro de 1922, encontram-se na

LIVRARIA BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves, Dias, 78

(entre Ouvidor e Rosario)



So'a martello!

PARA AQUELLES QUE SE ILLUDEM
COM OUTRAS MARCAS, repeli-
remos sempre as palavras
do eminente Dr Mario Graccho:
*'Attesto que tenho empre-
gado em minha clinica*

**o EMPLASTRO
PHENIX**

obtendo optimos
resultados na **Cura** do
RHEUMATISMO, dores nas Costas
e no peito, constipações, etc.

Quando com-
prar Emplastro
exija do seu pharma-
ceutico esta marca →
que e a do LEGITIMO
EMPLASTRO PHENIX



EXIJAM
ESTA
MARCA

LOTERIA FEDERAL

PREMIOS DE VINTE A MIL CONTOS DE RS.

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

Extrahida em machinas Fichet onde não póde haver fraude

CAPITAL:

3.000 contos com o DEPOSITO DE 500 CONTOS no Thesouro

PREDIO PROPRIO:

Rua 1.º de Março, 110, com frente para a Rua
Visconde de Itaborahy, 67

Extracções diarias ás 2 ½ e ás 3 horas aos sabbados

Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte

400:000\$000 PARA SÃO JOÃO

HOJE - SABBADO 20 DE JUNHO - HOJE

Bilhete inteiro 16\$000

Viges. \$800